

A representação da mulher em textos verbais da coleção Pitangá Mais Língua Portuguesa anos iniciais – PNLD 2023¹

DOI:10.18226/21784612.v30.e025024

Deisy Kariny Bamberg²

Lovani Volmer³

Fabiana Niedermeier⁴

Resumo: A educação escolar constitui um espaço privilegiado de produção, circulação e legitimação de discursos, exercendo papel central na construção de subjetividades e na naturalização, ou problematização, das desigualdades sociais. Nesse contexto, os materiais didáticos assumem função estratégica, uma vez que veiculam representações de mundo que incidem diretamente sobre a formação ética, social e cultural dos estudantes. Este estudo, de natureza básica e de base qualitativa, investiga os papéis sociais de gênero em livros didáticos e tem como objetivo verificar a representação da mulher nos textos que compõem a coleção Pitangá Mais Língua Portuguesa dos anos iniciais (1º ao 5º ano) do Ensino Fundamental, aprovada pelo Programa Nacional do Livro e do Material Didático – PNLD 2023. A base teórica do estudo articula a concepção de gênero como construto social, a partir de Guacira Lopes Louro, Judith Butler e Simone de Beauvoir, às discussões sobre representação, identidade e discurso desenvolvidas por Stuart Hall, Luiz Paulo da Moita Lopes, Tomaz Tadeu da Silva e Roger Chartier. No que se refere aos resultados obtidos, constatou-se que as mulheres estão representadas nos livros didáticos da coleção de modo predominantemente estereotipado, mais especificamente em três papéis centrais que podem abranger distintas funções sociais e familiares – o de mãe, o de professora e o de dedicada às tarefas domésticas cotidianas. A posição da figura da avó como cuidadora também apareceu de forma significativa dentro do

¹ Artigo revisado por: Profa. Dra. Rosemari Lorenz Martins.

² Mestra em Diversidade Cultural e Inclusão Social pela Universidade Feevale. Orcid: 0009-0009-8432-1146. E-mail: deisykb@gmail.com.

³ Doutora em Letras, ênfase em Leitura e Linguagens, pela UCS/Uniritter (2015). Professora na Universidade Feevale e na Faculdades EST. Vice-líder do Grupo Observatório de Leitura e Literatura – OLLI. Orcid: 0000-0002-3458-1005. E-mail: lovaniv@feevale.br.

⁴ Mestra em Diversidade Cultural e Inclusão Social pela Feevale. Orcid: 0009-0008-2712-304X. E-mail: fabiana@feevale.br.

universo familiar, reforçando o arquétipo feminino vinculado à prestação de cuidados. Ao examinar minuciosamente a forma pela qual a mulher é representada nos textos verbais, o estudo evidencia como determinadas narrativas contribuem ativamente para a manutenção de discursos hegemônicos e para o conseqüente apagamento simbólico das múltiplas experiências femininas contemporâneas. Nesse sentido, a investigação articula os debates sobre gênero e relações de poder às discussões fundamentais acerca da construção identitária, reforçando a necessidade urgente de uma leitura crítica dos livros didáticos enquanto instrumentos formativos indispensáveis no contexto da educação básica nacional.

Palavras-chave: PNLD. Livro Didático. Gênero. Mulher. Representação.

Resumen: La educación escolar constituye un espacio privilegiado de producción, circulación y legitimación de discursos, desempeñando un papel central en la construcción de subjetividades y en la naturalización o problematización de las desigualdades sociales. En este contexto, los materiales didácticos asumen una función estratégica, ya que vehiculan representaciones del mundo que inciden directamente en la formación ética, social y cultural del estudiantado. Este estudio, de naturaleza básica y de enfoque cualitativo, investiga los roles sociales de género en los libros de texto y tiene como objetivo analizar la representación de la mujer en los textos que componen la colección *Pitangüá Mais Língua Portuguesa*, primeros años (1º al 5º) de la educación primaria, aprobada por el Programa Nacional del Libro y del Material Didáctico (PNLD 2023). La base teórica del estudio articula la concepción de género como constructo social, a partir de Guacira Lopes Louro, Judith Butler y Simone de Beauvoir, con las discusiones sobre representación, identidad y discurso desarrolladas por Stuart Hall, Luiz Paulo da Moita Lopes, Tomaz Tadeu da Silva y Roger Chartier. En lo que respecta a los resultados obtenidos, se constató que las mujeres son representadas en los libros de texto de la colección de manera predominantemente estereotipada, más específicamente en tres roles centrales que pueden abarcar distintas funciones sociales y familiares: el de madre, el de docente y el de dedicada a las tareas domésticas cotidianas. La figura de la abuela como cuidadora también aparece de forma significativa dentro del universo familiar, reforzando el arquétipo femenino vinculado a la prestación de cuidados. Al examinar de manera minuciosa la forma en que la mujer es representada en los textos verbales, el estudio evidencia cómo determinadas narrativas contribuyen activamente al mantenimiento de discursos hegemónicos y al conseqüente borramiento simbólico de las múltiples experiencias femininas contemporâneas. En este sentido, la investigación articula los debates sobre género y relaciones de poder con las discusiones fundamentales en torno a la construcción identitaria, reforzando la necesidad urgente de una lectura crítica de los libros de

texto como instrumentos formativos indispensables en el contexto de la educación básica nacional.

Palabras clave: PNLD. Libro de texto. Género. Mujer. Representación.

Introdução

Esta pesquisa vai ao encontro do estudo de ações propostas por políticas públicas executadas pelo Governo Federal no âmbito da educação, mais precisamente o Programa Nacional do Livro e do Material Didático – PNLD, que tem sido estudado pelas autoras⁵. Pretende-se compreender a representação da mulher em textos verbais da coleção Pitangú Mais Língua Portuguesa, do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, uma das aprovadas pelo Programa Nacional do Livro e do Material Didático – PNLD 2023. Considerando a abrangência nacional do PNLD e o uso do livro didático como principal recurso pedagógico em muitas escolas do País, esse material assume um papel importante na disseminação de discursos no ambiente escolar e, conseqüentemente, na constituição dos sujeitos. Nesse sentido, esta pesquisa, ao buscar compreender como se desenham esses discursos, torna-se relevante na promoção da equidade de gênero.

Para fins de análise, faz-se um recorte a partir de uma perspectiva binária (homem ou mulher), porém, sem ignorar o conceito de gênero como construção social:

O conceito passa a exigir que se pense de modo plural, acentuando que os projetos e as representações sobre mulheres e homens são diversos. Observa-se que as concepções de gênero diferem não apenas entre as sociedades ou os momentos históricos, mas no interior de uma dada sociedade, ao se considerar os diversos grupos (étnicos, religiosos, raciais, de classe) que a constituem (Louro, 1997, p. 23).

Sob esse prisma, reconhecem-se outras categorias de gênero que ultrapassam o binarismo, como o transgênero, que é um

⁵ Citam-se algumas produções do grupo de pesquisa Programa Nacional do Livro Didático e Diversidade: um olhar para os anos iniciais: Funke Dieter, M. T., Volmer, L., & Lorenz Martins, R. (2026). A diversidade sociocultural nas obras literárias em prosa do PNBE e do PNLD Literário: um olhar para os anos iniciais do Ensino Fundamental – de 1998 a 2018. *Letras De Hoje*, 61(1), e48342. <https://doi.org/10.15448/1984-7726.2026.1.48342>; DIETER, M. T. F.; BAMBERG, D. K.; VOLMER, L. A diversidade nos textos literários dos livrosdidáticos de língua portuguesa da coleção “Pitangú Mais” – PNLD 2023. *Revista Transmutare*, Curitiba, v. 10, e19970, p. 1-16, 2025. Disponível em: Acesso em: 23 abr. 2026.

termo guarda-chuva que abrange grupos diversificados de pessoas (Connell; Pearse, 2015). Nele, estão incluídos os sujeitos com incongruência de gênero, os *cross-dressers*, as travestis, as mulheres trans, os homens trans, os andróginos, os não binários, entre outros (Saadeh; Cordeiro; Ciasca, 2019).

Quanto ao principal objetivo deste artigo – verificar a representação da mulher nos textos verbais dos livros didáticos da coleção Pitangá Mais Língua Portuguesa, do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental-, optou-se por analisar tanto aqueles em que a mulher é personagem como aqueles em que é apenas citada. No que se refere às discussões teóricas, a investigação ancorou-se em estudiosos, como Hall (2016) e Tomaz Tadeu da Silva (1999, 2011), para abordar o tema da identidade; Louro (1997) e Butler (2018), e não somente, para problematizar questões de gênero; Scott (1995), para estudar gênero em uma perspectiva histórica; e Moita Lopes (2002, 2009) para discutir a importância do discurso no ambiente escolar.

Gênero, identidade e representação

Nesta seção, estabelecem-se diálogos entre concepções teóricas de gênero, representação e identidade, com o objetivo de fundamentar a análise do livro didático. Estabelecer a interlocução entre essas teorias é imprescindível para lidar com a complexidade da questão de pesquisa: como as mulheres são representadas em um livro didático de língua portuguesa, considerando que, muitas vezes, esse tipo de material assume o protagonismo em práticas educacionais no Brasil.

O termo “gênero” emerge no Movimento Social Feminista durante a década de 1970, contestando o determinismo biológico e a naturalização das diferenças baseadas no sexo. Foi incorporado ao campo das ciências humanas, na área de estudos sobre as mulheres, com o propósito de designar o caráter social das distinções atribuídas ao sexo, reafirmando o aspecto relacional das identidades feminina e masculina, distinguindo-o do conceito biológico (Nader; Rangel, 2014).

Independentemente de a história enfatizar a similaridade ou a diferença da atuação das mulheres e dos homens, durante a segunda onda do feminismo, “mulher” se constitui como uma categoria

social fixa, ou seja, “eram pessoas biologicamente femininas que se moviam dentro e fora de contextos e papéis diferentes, cuja experiência mudava, mas cuja essência – como mulher – não se alterava” (Scott, 1992, p. 82). O uso desse termo visava abranger questões de raça e classe, unindo as mulheres por uma causa maior e criando, assim, uma identidade entre elas.

Levando em consideração o preceito de que não existem sinônimos perfeitos – como explica Cegala (1990), ao afirmar que o uso de um termo pelo outro não é indiferente -, nesta pesquisa, considera-se gênero, mulher e feminino(a) como sinônimos. Não obstante, gênero assume uma conotação mais neutra, dissociada da política do feminismo, enquanto mulher e feminino(a) implicam uma tomada de posição sobre desigualdade (Scott, 1995). Vale ressaltar que a opção por um termo sempre pode ser um problema por reduzir ou ampliar alguma nuance.

Nesse sentido, destaca-se que este estudo toma como base os conceitos de gênero desenvolvidos, em especial, por três autoras, Simone de Beauvoir (2019), Guacira Lopes Louro (1997) e Judith Butler (2018), cujas contribuições convergem para a compreensão de gênero/feminino/mulher como uma construção sócio-histórica. Por tratar de definições complexas, que envolvem inúmeros vetores, opta-se pela confluência das perspectivas para debruçar-se sobre o objeto de pesquisa.

A famosa citação de Beauvoir (2019, p. 409) – “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher.” – expressa que a posição da mulher é construída socialmente, ainda que a autora não negue as condições biológicas e sexuais que diferenciam a mulher do homem. O corpo da mulher é parte fundamental na construção do seu lugar no mundo, porém, não a define. Nas palavras de Beauvoir (2019, p. 409), “Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado, que qualificam de feminino”.

Partindo do mesmo princípio, Butler (2018) afirma que o gênero é culturalmente construído, ou seja, os significados culturais são assumidos pelo corpo sexuado. Não se pode dizer que gênero é o resultado causal do sexo ou que decorra de uma determinada

maneira. Assim, a construção de “homens” não se aplica com exclusividade a corpos masculinos e de “mulheres” a corpos femininos. A autora também questiona se o sexo seria tão fixo e natural ou seria tão culturalmente construído quanto o gênero, afinal, o corpo foi interpretado de diferentes maneiras em distintos momentos e culturas.

Sob esse viés, Louro (1997) sustenta que é a forma como as características sexuais são representadas ou valorizadas que configura o que é feminino ou masculino em determinado contexto sócio-histórico. Busca-se, assim, reinscrever o debate na esfera do social, pois é ali que se constituem as relações de desigualdade entre os sujeitos. Inclusive, a autora analisa essas desigualdades no âmbito da educação, afirmando que a escola as reproduz, uma vez que delimita espaço, serve-se de símbolos e códigos, separa e institui o “lugar dos pequenos e dos grandes, das meninas e dos meninos”.

Numa perspectiva histórica, Scott (1995, p. 86) define gênero sob duas proposições: “(1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder”. A estudiosa considera as diferenças sexuais e a dimensão social de gênero na qualidade de flexíveis e mutáveis. Analisa, assim, as múltiplas formas de feminilidade e masculinidade, interrelacionando elementos como os símbolos culturalmente disponíveis que mobilizam representações simbólicas; as normativas que enunciam interpretações dos significados dos símbolos; a concepção política que leva à aparente permanência do binarismo de gênero e a identidade subjetiva concebida pela psicanálise.

Considera-se, portanto, o gênero como constituinte da identidade dos sujeitos, uma vez que os processos de construção identitária se definem histórica e não biologicamente, não são fixos ou permanentes, ao contrário, se transformam continuamente de acordo com as representações nos sistemas culturais (Hall, 2006). Dessa forma, as representações femininas serão sempre questionáveis se forem uma tentativa de impor um padrão do que é o feminino, ignorando as múltiplas subjetividades e os modos como cada mulher constitui a sua própria feminilidade.

É preciso ter cautela para não reduzir as representações a uma explicação universalizante da diferença entre os sexos (Chartier, 1991). A representação conecta o sentido e a linguagem à cultura, ou seja, é a utilização da linguagem para expressar algo sobre o mundo ou representá-lo a outras pessoas. É por meio da representação que os significados são produzidos e compartilhados entre os membros de uma cultura, de modo que signos e imagens significam ou representam objetos em determinado contexto (Hall, 2016).

Chartier (2002) corrobora essa ideia explicando que os grupos constituem suas representações a partir de suas práticas e vice-versa, assim, essas práticas têm sentido somente dentro de um complexo de representações pelas quais os indivíduos e os grupos dão sentido ao seu mundo. Silva (2011) acrescenta à questão das práticas sociais o conceito performatividade, pois, através dos discursos repetidos, constroem-se ou reforçam-se as identidades de gênero, por exemplo. As pessoas são, desse modo, protagonistas na produção de sentidos:

A percepção do discurso como construção social coloca as pessoas como participantes nos processos de construção do significado na sociedade e, portanto, inclui a possibilidade de permitir posições de resistência em relação a discursos hegemônicos, isto é, o poder não é tomado como monolítico e as identidades sociais não são fixas (Moita Lopes, 2002, p. 55).

À luz dessas discussões, considerando que o livro didático não é o único, mas um importante propagador de discursos, cabe analisar em que medida ele legitima representações hegemônicas construídas historicamente, as quais podem contribuir para perpetuar a desigualdade entre os gêneros ou servir como ponto de resistência. A partir disso, reflete-se, na seção que segue, sobre como as representações da mulher veiculadas no livro didático, por meio dos textos verbais, reforçam ou não as conformações identitárias de gênero.

Ademais, de acordo com Da Silva (2025), ao estabelecer um diálogo entre as teorias de Paulo Freire e bell hooks, a linguagem constitui a própria vida, uma vez que é por meio dela que se comunicam mundos. Nesse sentido, a linguagem pode atuar tanto como mecanismo de segregação quanto como uma força potente de aproximação e diálogo. Torna-se, assim, imprescindível refletir

sobre os conhecimentos que estão sendo construídos a partir dos conteúdos apresentados nos materiais pedagógicos utilizados no trabalho com os estudantes.

Apresentação e discussão dos dados

Ao direcionar o olhar para a representação da mulher nos livros didáticos, busca-se investigar quais representações são legitimadas pela coleção Pitangüá Mais, publicada em 2021, aprovada pelo Programa Nacional do Livro e do Material Didático – PNLD 2023. De autoria de Cristiane Buranello, o material analisado foi selecionado por 98 escolas de 4 estados diferentes, em 2023, e conta com 5 volumes de Língua Portuguesa, um para cada ano do Ensino Fundamental.

Todos os livros da coleção são divididos em 8 unidades temáticas e cada uma delas trabalha com mais de um texto de distintos gêneros. Para análise, foram selecionados cinquenta e dois textos, especificamente aqueles em que havia presença feminina, seja citada ou como personagem atuante. Dessa forma, ao lançar luz sobre os papéis sociais atribuídos às mulheres mencionadas ou que atuam como personagens, fictícias ou reais, a análise debruça-se sobre o discurso, pois “[...] aquilo que dizemos faz parte de uma rede mais ampla de atos linguísticos que, em seu conjunto, contribui para definir ou reforçar a identidade que supostamente apenas estamos descrevendo” (Silva, 2011, p. 79).

Nos 52 textos selecionados, a mulher exerce basicamente três papéis, que podem ser atravessados por múltiplas funções, objetivamente e nesta ordem: mãe, professora e dedicada às tarefas domésticas. Antes de desmembrar cada um deles, já ressoa a fala de Simone de Beauvoir: a sociedade fabrica as mulheres desde pequenas, as brincadeiras, as leituras, os brinquedos não são os mesmos que os dos meninos. A formação profissional também não será, pois pretende-se que elas sejam dedicadas aos homens e aos seus filhos, tanto na maternidade quanto nas tarefas domésticas (Beauvoir, 2019).

A palavra “mãe” é citada dezessete vezes nos cinco volumes, sendo esse o papel mais remetido à mulher. Ela aparece em funções de cuidado, servindo aos filhos ou ao marido, sempre em tarefas relacionadas ao lar ou à família, como agendando dentista para

a filha, acordando o filho, organizando o aniversário da filha, ordenando ao filho que coma salada e pedindo à filha que vá ao mercado.

No texto do Volume 1, na p. 131, a mãe assina o bilhete, avisando que marcou dentista para a filha (Buranello, 2021), ou seja, realizou uma tarefa para ela. No trecho “[...] Sua mãe abriu a porta do seu quarto e deu um ‘bom dia’ bem escancarado, como sempre faz! [...]” (Lima, 2016, *apud* Buranello, 2021, p. 89) da narrativa literária do texto do Volume 2, na p. 89, há dois pontos, o primeiro se refere ao ato de acordar a filha, prestar um serviço a ela, e o segundo, a isso ser parte da rotina. A parte do relato do diário que diz “[...] a mãe comprou balões e encomendou um bolo de churros. [...]” (Buranello, 2021, p. 145), presente no texto do Volume 3, na p. 145, indica que a mulher ficou encarregada de organizar essa parte da festa, a compra dos balões e do bolo, o que também a coloca a serviço da família.

Nessa mesma linha, no texto do Volume 4, na p. 158, do gênero tirinha, a mãe dá a seguinte ordem: “[...] volte pra mesa e coma toda a salada! [...]” (Beck, 2013, *apud* Buranello, 2021, p. 158), representando sua autoridade e, ao mesmo tempo, sua preocupação com a alimentação saudável do filho. Por último, na resenha do texto do Volume 5, na p. 59, a parte “[...] quando a mãe de Maria pede a ela que vá ao mercado comprar leite e maçãs [...]” (Silvério, 2021, *apud* Buranello, 2021, p. 59) indica a responsabilidade da mulher pelas compras da casa, nesse caso, dos alimentos.

Pelo viés da filosofia, Beauvoir (2019) explica que a maternidade seria a realização integral do destino fisiológico da mulher, como uma vocação “natural”, mas recorda que a sociedade humana nunca se submete integralmente às leis da natureza. Sob a ótica da sociologia e de modo semelhante, Saffioti (1976) refere que a sociedade mistifica a mulher como mãe e esposa, a fim de que se sinta plenamente realizada nesses papéis e se aproxime, desse modo, do ideal desenhado pela cultura ocidental.

O casamento e a maternidade eram considerados um destino desejado e “natural” para as mulheres e aquelas que não o alcançavam deveriam se dedicar a tarefas que se aproximam dessa missão. O magistério, visto como uma extensão da maternidade,

por ser um exercício de doação, dedicação, amor e vigilância, “atributos” considerados femininos, torna-se uma opção para as moças solteiras (Louro, 1997).

Sugere-se, nesse sentido, que seja essa uma das razões pelas quais o papel de “professora” aparece oito vezes nos volumes analisados, sendo quase unânime na descrição profissional da mulher. Em dois dos fragmentos selecionados, a professora questiona os estudantes, mais precisamente nas anedotas do texto do Volume 1, na p. 240 “[...] A professora diz pro Juquinha: – sua redação sobre o cachorro está igualzinha a do seu irmão! [...]” (Zirald, 2006, *apud* Buranello, 2021, p. 240), e no texto do Volume 5, na p. 96, “[...] uma professora percebeu o entusiasmo de seus alunos com a atividade e aproveitou para testá-los: – Em cinco segundos, citem cinco animais que vocês viram no parque. [...]” (Buranello, 2021, p. 96).

No texto do Volume 3, na p. 54, narrativo literário, a professora é citada em uma das tarefas que executa em sala de aula “[...] E na escola, quando chegar na hora da chamada e a professora chamar Cusfosfós [...]” (Machado, 2009, *apud* Buranello, 2021, p. 54) e, no texto do Volume 4, na p. 27, que é uma reportagem, aparece como criadora de um projeto “[...] A iniciativa foi idealizada pela professora Valéria Vaz, que pediu que os alunos comessem ligando para conhecidos. [...]” (Rinaldi, 2020, *apud* Buranello, 2021, p. 27).

Ainda hoje, portanto, a posição de cuidadora se estende ao ambiente de trabalho, com destaque para a área da educação, conforme acrescenta Louro (1997, p. 88):

Além disso, os discursos pedagógicos (as teorias, a legislação, a normalização) buscam demonstrar que as relações e as práticas escolares devem se aproximar das relações familiares, devem estar embebidas em afeto e confiança, devem conquistar a adesão e o engajamento dos/as estudantes em seu próprio processo de formação.

Sob a perspectiva do cuidado, o papel de “dedicada ao lar” (citado direta ou indiretamente sete vezes) perpassa as outras representações (mãe e professora), uma vez que se refere às tarefas domésticas e, também, às relações familiares. Portanto, pode ser visto como uma síntese ou um acréscimo ao que foi apresentado até o momento. Sob esse aspecto, Beauvoir (2019) observa que os

trabalhos domésticos são os únicos que se podem conciliar com as responsabilidades da maternidade e, por isso, permanecem nas mãos femininas por séculos.

Na parlenda de origem popular, texto do Volume 1, na p. 71, “João corta pau, Maria mexe angu, Teresa põe a mesa para a festa do tatu” (Buranello, 2021, p. 71), o homem sai para cortar madeira, enquanto as mulheres permanecem dentro de casa preparando os alimentos. Fica evidente, dessa forma, o que Louro (1997) constata com base em investigações de livros didáticos: existem dois mundos distintos, um público masculino e um doméstico feminino, e atividades “características” de homens e de mulheres. À mulher caberiam os papéis desempenhados no lar, porque o organismo e a personalidade femininos possuem deficiências, tais como a debilidade física, a instabilidade emocional e a pouca inteligência (Saffioti, 1976).

As seguintes passagens dialogam com a concepção de Saffioti (1976) sobre a permanência de um ideal de vida doméstica para as mulheres: na reportagem do texto do Volume 3, na p. 186, a parte “[...] A cuidadora do Branco, Aline Dias, se emocionou com a nova história que começou neste sábado [...]” (Criança, 2021, *apud* Buranello, 2021, p. 186) mostra uma mulher trabalhando como voluntária, praticando o cuidado com os animais; no conto, texto do Volume 4, na p. 207, na parte “[...] De manhã, quando a mulher acordou, viu o marido deitado a seu lado com uns fiapos do xale do bebê presos entre os dentes [...]” (Stahel, 2003, *apud* Buranello, 2021, p. 207), ela está no papel de esposa. Ambos indicam que “as funções desempenhadas pelo elemento feminino diriam respeito essencialmente à vida de família, isto é, direção do lar, educação dos filhos etc. e à vida comunitária, ou sejam, atividades filantrópicas” (Saffioti, 1976, p. 180).

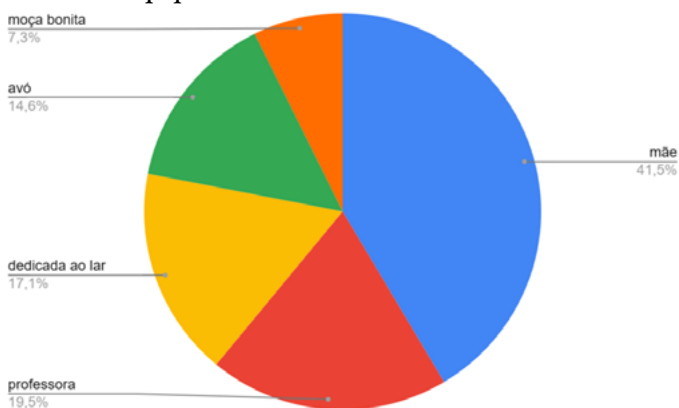
De modo significativo, citada seis vezes, também apareceu a posição de avó, numa relação de caráter afetivo, dentro do universo familiar. No texto do Volume 3, na p. 129, da narrativa literária, a avó assume, respectivamente, um lugar de cuidado, agindo com carinho com o neto e de sabedoria, dando conselhos à criança: “[...] – Por que você está chorando, meu amor? – perguntou a minha avó com voz meiguinha. [...] – Manda o medo dar uma volta. O medo gosta muito de atrapalhar. Atrapalha os pequenos e os grandes,

os novos e os velhos. [...]” (Mota, 2012, *apud* Buranello, 2021, p. 129). Nessa esteira, as funções de mãe e avó se entrelaçam. Segundo Beauvoir (2019), a menina está destinada a esse papel, como se todas as etapas de sua vida estivessem previstas de antemão.

A mulher, consoante Beauvoir (2019), está submetida também à ideia de que precisa conquistar o coração de um homem e, para isso, basta ser bonita. Assim, associa-se felicidade e amor à beleza, como se somente as belas jovens pudessem amar e ser felizes. Esse papel de “moça bonita” aparece em três textos da coleção analisada e um dos recortes que o demonstra é o da lenda, texto do Volume 4, na p. 81, “[...] Certo jovem, não muito belo, era admirado e desejado por todas as moças de sua aldeia por tocar flauta maravilhosamente bem. [...] Entre as moças, a bela Mainá conseguiu o seu amor. Iriam se casar na primavera. [...]” (Silva, 2015, *apud* Buranello, 2021, p. 81). Observa-se que o homem, mesmo não sendo bonito, era admirado por seu talento, enquanto a mulher foi escolhida, entre as outras, por sua beleza.

Em suma, a representação da mulher na coleção Pitangüá Mais Língua Portuguesa se reduz aos papéis, na proporção apresentada no Gráfico 1, de mãe, professora, dedicada ao lar, avó e moça bonita. Constitui-se, assim, uma identidade de gênero definida pelas relações e tarefas de cuidado, no âmbito familiar e do lar. O perigo reside em normalizar esses modelos, pois levam à sua invisibilização, condenando tudo aquilo que difere deles.

Gráfico 1 – Os papéis atribuídos à mulher nos textos analisados.



Fonte: Autoria própria (2025)

Silva (2011) explica o conceito de normalização, articulado à identidade e diferença.

Normalizar é escolher, de forma arbitrária, uma identidade que serve como parâmetro para avaliar e hierarquizar as outras, assumindo status positivo em oposição às demais (negativas). Essa identidade normal é desejável, única. E, como é considerada natural, torna-se invisível, marcando apenas as outras identidades como tais. Desse modo, identidade e diferença são indissociáveis, por exemplo: eu só preciso dizer que sou brasileiro porque existem outros seres humanos que não são. Logo, identidade e diferença dependem uma da outra e, é válido recordar, são construções sociais e culturais sujeitas a relações de poder (Silva, 2011).

As identidades são, portanto, mecanismos de poder que determinam o que somos, o que não somos, demarcam fronteiras, estabelecem hierarquias, classificações e oposições binárias, incluindo ou excluindo. Como é por meio do discurso que elas vão se configurando, os enunciados performativos tornam-se eficientes à medida que são repetidos. A boa notícia é que essa repetição pode ser interrompida, primeiramente, sendo trazida à luz, para depois ser questionada e contestada, estabelecendo identidades que não reproduzam as relações de poder existentes (Silva, 2011).

No material didático estudado, existe uma quebra dessa repetição pela presença de um trecho do livro “Malala, a menina que queria ir para a escola”, de Adriana Carranca, do qual pode-se destacar a parte “[...] Malala foi ensinada desde pequena a defender aquilo em que acreditava e lutou pelo direito de continuar estudando. Ela fez das palavras sua arma. [...]”. Nota-se aqui o desvio do estereótipo, pois não se trata de uma mulher vista pela perspectiva familiar, doméstica ou valorizada por sua beleza. Ainda que se trate do âmbito da educação, não há relação direta com a docência, mas com a luta pelo direito das mulheres à educação.

A partir da constatação de que se propagam, por meio desse material, discursos hegemônicos, é possível pensar em estratégias para refletir sobre essas questões em sala de aula e, a longo prazo, rever a seleção dos textos que compõem as obras didáticas. Considerando a complexidade das dinâmicas de construção de

identidade, essas estratégias podem auxiliar na busca pela equidade de gêneros.

Considerações finais

O cenário desenhado por esta análise sobre gênero, identidade e representação da mulher em livros didáticos revela a pluralidade, a relevância e as contradições dessa temática. Nessa direção, ainda que com suas limitações, este estudo coloca luz sobre discussões silenciosas/silenciadas que precisam avançar, levando em conta que o PNLD tem abrangência nacional e o material distribuído gratuitamente para as escolas de todo o País assume, em determinados contextos, um status de currículo escolar.

Neste trabalho, buscou-se compreender como a mulher está representada nos livros didáticos da Coleção Pitangüá Mais Língua Portuguesa – PNLD 2023, voltada aos anos iniciais (1º ao 5º) do Ensino Fundamental, pela observação da presença da mulher nos textos verbais. O recorte, para possibilitar a análise, deu-se por uma perspectiva binária, mas o alinhamento ideológico converge para o conceito de gênero como construto social.

Nos textos em que aparece como personagem ou é citada, a mulher exerce basicamente três papéis, que podem ser atravessados por múltiplas funções: mãe, professora e dedicada às tarefas domésticas. Ela aparece servindo aos filhos ou ao marido, em atividades relacionadas ao lar ou à família.

Define-se, dessa forma, uma identidade de gênero pelas relações e tarefas de cuidado no âmbito familiar e do lar, comprovando a hipótese de que os livros didáticos podem reproduzir estereótipos de gênero e propagar discursos hegemônicos. Dada a influência dos discursos na construção da subjetividade dos sujeitos, é imperativo refletir sobre essas questões em sala de aula, a fim de abrir espaço para a construção de novos discursos. Porém, adverte-se que parece não haver interesse da sociedade em romper esses padrões.

Referências

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: fatos e mitos*. Tradução de Sérgio Milliet. 6. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, v. 1, 2019. *E-book*.

- BURANELLO, Cristiane. *Pitangá mais língua portuguesa: manual do professor*. São Paulo: Moderna, 2021.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. 16. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- CEGALA, Domingos Paschoal. *Minigramática da Língua Portuguesa*. São Paulo: Editora Nacional, 1990.
- CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Revista Estudos Avançados*, São Paulo, v. 5, n. 11, 1991, p. 173-191.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Tradução de Maria Manuela Galhardo. 2 ed. Miraflores: Difel, 2002.
- CONNELL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. *Gênero: uma perspectiva global*. Tradução Marília Moschkovich. São Paulo: Versos, 2015.
- DIETER, M. T. F.; BAMBERG, D. K.; VOLMER, L. A diversidade nos textos literários dos livros didáticos de língua portuguesa da coleção “Pitangá Mais” – PNLD 2023. *Revista Transmutare*, Curitiba, v. 10, e19970, p. 1-16, 2025. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/rtr/article/view/19970> Acesso em: 23 abr. 2026.
- FUNKE DIETER, M. T., Volmer, L., & Lorenz Martins, R. (2026). A diversidade sociocultural nas obras literárias em prosa do PNBE e do PNLD Literário: um olhar para os anos iniciais do Ensino Fundamental – de 1998 a 2018. *Letras De Hoje*, 61(1), e48342. <https://doi.org/10.15448/1984-7726.2026.1.48342>;
- STUART DA SILVA, Priscilla. O diálogo é uma exigência existencial: Reflexões sobre a prática docente a partir de Paulo Freire e Bell Hooks. *CONJECTURA: Filosofia e Educação, [S. l.]*, v. 30, p. e025001, 2025. DOI: 10.18226/21784612.v25.e025001. Disponível em: <https://sou.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/view/13133> . Acesso em: 2 abr. 2026.
- HALL, Stuart. *Cultura e representação*. Tradução de Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2016.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. *Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula*. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

NADER, Maria Beatriz; RANGEL, Livia de Azevedo Silveira (Orgs.). *Mulher e gênero em debate: representações, poder e ideologia*. Vitória: Edufes, 2014. *E-book*. Disponível em: <http://repositorio.ufes.br/handle/10/774/browse?type=title&sort_by=1&order=ASC&rpp=20&etal=-1&null=&offset=0>. Acesso em: 07 de mai. 2025.

SAADEH, Alexandre; CORDEIRO, Desirê Monteiro; CIASCA, Saulo Vito. Identidade de gênero, saúde e violência na infância, adolescência e fase adulta. In: CÚNICO, Sabrina Daiana; COSTA, Angelo Brandelli; STREY, Marlene Neves. (Org.). *Gênero e violência: repercussões nos processos psicossociais e de saúde*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2019.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. Petrópolis: Vozes, 1976.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Revista Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, 1995, p. 71-99.

SCOTT, Joan Wallach. História das mulheres. In: BURKE, Peter (Org.). *A escrita da História: novas perspectivas*. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Unesp, 1992, p. 63-95.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2011, p. 73-102.